

# “Maputo Mulher”, um filme polémico

Apaixonadas discussões cercam a exibição de um filme sobre a situação da mulher e o choque de gerações no país

**D**urante um seminário sobre produção cinematográfica africana, realizado no Zimbábue no ano passado, um filme a preto e branco e de orçamento modesto provocou uma polémica surpreendente: um participante considerou a película de perigosamente antigovernamental enquanto o responsável pela projecção da mesma, defendeu o conteúdo do filme alegando que ele fora aprovado pelo governo supostamente atacado.

Toda a discussão girava em torno de “Maputo Mulher”, uma co-produção do Instituto Nacional de Cinema e da empresa KANEMO, ambos de Moçambique. Os personagens principais da polémica que dividiu o encon-

tro eram Pedro Pimenta, director-adjunto do Instituto Nacional de Cinema (INC) e um representante do Senegal.

Para este último, as críticas que estariam espalhadas ao longo do filme podiam ser encontradas nas cenas em que transparece a difícil situação económica do país, e onde surgem denúncias sobre a exploração da mulher em Moçambique. Pedro Pimenta procurou persuadir o senegalês e os que o acompanhavam naquela linha de raciocínio de que obras como a que acabavam de assistir eram parte integrante da política governamental — e obviamente da FRELIMO — para o sector cinematográfico. Embora divididas, as opiniões

emitidas durante os debates coincidiram num ponto: “Maputo Mulher” faz uma abordagem realista, sem disfarces, do actual momento moçambicano.

A rede de cinema itinerante do INC tem promovido a exibição do filme em bairros e aldeias comunais moçambicanos, em recintos fechados ou simplesmente ao ar livre. Camponeses, trabalhadores, donas de casa, soldados, homens e mulheres das mais variadas classes sociais já reagiram de uma forma ou de outra perante as cenas onde duas mulheres — tia e sobrinha — ora em português ora em *ronga*<sup>1</sup> mostram ao espectador a lenta transformação que se opera na sociedade moçambicana.

### Camponesa e operária

A origem deste filme está intimamente relacionada com a Conferência Extraordinária da Organização da Mulher Moçambicana (OMM), realizada no ano passado (ver *cadernos* nº 74, Fevereiro 1985). Ele surgiu no contexto da campanha de mobilização desencadeada a nível nacional para apoiar o encontro. Durante o ano de 1983, foram levados a cabo em todo o país estudos destinados a preparar trabalhos sobre a situação da mulher e indicar respostas para os problemas levantados. Milhares de horas de discussão e debate nas mais longínquas regiões tiveram como resultado documentos sistematizados sobre a condição feminina e os desafios que a nova sociedade coloca.

O trabalho levado a cabo pela OMM em todo o país colocou-a numa posição privilegiada para assessorar e supervisionar os realizadores de “Maputo Mulher”



O INC tem como um dos seus objectivos mostrar a lenta transformação que se opera na sociedade moçambicana após a independência

<sup>1</sup>Ao lado do *shangana*, o *ronga* é uma das línguas faladas no sul de Moçambique.



Lina Magaia (à esq.), como “tia Zaveta” e Ana Magaia (“Rita”), numa cena do filme: a discussão da mulher, hoje

na definição do tema e na montagem do roteiro. Um papel de destaque nesta fase foi desempenhado pelo poeta e jornalista Calane da Silva, que recolheu as ideias surgidas durante as reuniões com os profissionais directamente envolvidos na produção do filme. A direcção de “Maputo Mulher” coube ao cineasta brasileiro Mário Borge-net, antigo produtor de TV Globo.

O roteiro da obra produzida pelo INC/KANEMO concentra-se em duas personagens, interpretadas respectivamente por Ana Magaia, conhecida declamadora e actriz de teatro, e Lina Magaia, quadro dirigente da OMM. Ana Magaia trabalhou, entre outras peças, em “Rosita até morrer”, baseada num poema de Luis Bernardo Honwana e “Xiluva”, um trabalho colectivo do grupo cultural *Tcoeva xi taduma*. Lina Magaia é membro da FRELIMO desde os tempos de Neshingwea, o lendário acampamento guerrilheiro esta-

belecido na Tanzânia na década de 60. Logo após a independência foi designada para desempenhar vários cargos no partido e no Estado, encontrando-se actualmente à frente do complexo açucareiro de Maragra.

O filme desenvolve-se em torno do encontro de duas mulheres – tia Zaveta (Lina Magaia) e Rita (Ana Magaia) – num subúrbio da capital moçambicana. A tia representa o pensamento tradicional, marcado pelo obscurantismo, para quem a mulher não passa de um objecto de exploração, enquanto força de trabalho, ou de simples uso doméstico. Em contraposição encontra-se a operária que, como faz questão de realçar Mário Borge-net, seria um pouco a fotografia daquilo que se poderia chamar de “a nova mulher” moçambicana. Trata-se de uma camponesa que migra para a cidade grande, onde descobre novas formas de relação com o mundo. Na fábrica percebe as profundas diferenças exis-

tentes entre o meio rural e a sociedade como um todo.

Ideologicamente, no entanto, Rita ainda não amadureceu. Problemas ainda muito vivos no seu dia-dia absorvem-na: foi *lobolada*<sup>2</sup>, depois abandonada e luta para manter os filhos. Embora ela represente uma mulher já muito avançada em relação ao passado, a sua vida mostra ainda fortes ligações com a sociedade tradicional, facto que fica claro quando em lugar de recorrer ao aparelho de Estado para resolver problemas como o divórcio, pensão alimentar para os filhos, etc., vai à procura da tia para solucionar a questão. Em outras palavras, para ela, é ainda na tradição, encarnada na figura da parenta mais idosa, que reside o seu ponto de referência para a vida.

De acordo com o seu director, o principal interesse do enredo reside na análise do personagem “tia Zaveta” e nas soluções

<sup>2</sup> Vendida pela família ao marido.



O realizador de "Maputo Mulher", o brasileiro Mário Borgnet (à direita) reunido com dirigentes do INC e da KANEMO

que esta propõe; altura em que Rita começa a aperceber-se que a tia tem uma visão ultrapassada da realidade. Na segunda metade do filme, de grande densidade dramática, a situação inverte-se e a jovem operária discute os problemas da tia de acordo com a sua nova visão.

#### Cópia para a França

A escolha da mulher como tema central do filme não foi ca-

sual. Do ponto de vista económico, a mulher ocupa em África um lugar importantíssimo na produção. A sua posição é também de destaque nas regiões onde predomina a organização matrilinear da família, e na resolução dos conflitos que envolvem o quotidiano de uma comunidade. Mesmo nas áreas onde lhe é atribuído um papel subalterno, discutir a situação da mulher é abordar a família e a problemática em que ela está inserida.

Maputo como cenário tem também a sua razão de ser. Como centro urbano desenvolvido, a capital exerce uma forte atracção sobre todos os habitantes do país. Logo após a independência, a população urbana originária do campo sofreu um grande aumento. A cidade transformou-se num verdadeiro mosaico das diferentes culturas de Moçambique. Assim, é nas cidades que o conflito entre o velho e o novo se manifesta de maneira mais aguda.

"Maputo Mulher" já participou de quatro importantes festivais no exterior. Na América Latina, esteve presente no I Festival de Cinema e Video do Rio de Janeiro, onde esteve acompanhado de um outro filme moçambicano: "Canta, meu irmão, ensina-me a cantar", de José Cardoso. No continente africano foi exibido no Zimbabwe e no festival de Bourkina-Faso. Por sua vez, na Europa esteve presente no VII Festival de Cinema do Real, no Centro George Pompidou, em Paris. O INC prepara presentemente a legendagem em francês de uma cópia adquirida por aquela instituição. (Etevaldo Hipólito) ●